
Sujeito, ciência e *gadgets*: operadores para a clínica psicanalítica na atualidade

Alexandre Simões

A segunda metade dos anos 1960, especialmente o ano de 1966, comporta um ponto decisivo para a justa localização da Psicanálise na ampla e multifacetada cena de discussões epistemológicas que se mostravam efervescentes naquela época, sobretudo em solo francês. O debate epistemológico da época comportava, especialmente, as searas das Humanidades e suas fronteiras com outros campos do saber e da técnica sem, contudo, deixar de crescentemente resvalar nos âmbitos da Tecno-ciência, da nascente Cultura de Massa e dos rudimentos do que viria a ser a Cibercultura (SIBILIA, 2002; ECO, 2004; DOMINGUES, 2004). Por meio desse debate epistemológico, abria-se a via que, na crítica ao humanismo e às suas contradições, comportaria diatribes acerca dos limites do humano e do pós-humano, já dando ensejo ao que iria se espriar poucas décadas após, em nosso surgente século XXI (HARAWAY, 2016; SIBILIA, 2015; DOMINGUES, 2012).

Lembremo-nos que este foi o momento preciso no qual obras marcantes, que protagonizaram a formação de boa parte de toda uma geração da intelectualidade brasileira pós-1960, vieram a lume. Vale ressaltar, sem pretendermos aqui estabelecer uma lista exaustiva, que Gilles Deleuze, Michel Foucault, Roland Barthes, Claude Lévi-Straus, Pierre Bourdieu, Jacques Derrida e Louis Althusser (DOSSE, 1992a) intensificaram, cada um a seu modo muito

peculiar, suas presenças na cena da *intelligentsia*. As obras desses autores, provocativas em boa medida, juntamente de discursos instigantes e incursões públicas reverberantes, usualmente tangenciavam a tese que, sinteticamente, pode ser enunciada como a “dissolução do sujeito” (DOSSE, 1992b, p. 53). É passível de notar, sem entramos em grandes detalhes quanto a esse momento profícuo, que tal tese fazia fronteira com os argumentos acerca das “mortes do sujeito” (FERRY; RENAUT, 1988, p. 313), sempre em prol da estrutura, como corolário inevitável de um “processo-sem-sujeito-nem-fim” (ALTHUSSER, 1978, p. 66).

Nessa cena, temos Jacques Lacan que, por conta exatamente daquilo que a experiência analítica lhe permitia sustentar e lhe levava a operar (e isso faz toda a diferença para que ultrapassemos a dimensão do *theóros* e consideremos o plano da *práxis*), demarca um posicionamento da Psicanálise bem distinto do Estruturalismo de seu tempo. Em alguma proporção, o percurso do psicanalista francês passou, sobretudo em sua base, pelo Estruturalismo em sua versão francesa. Entretanto, ele aí não se alojou, aí não se deteve, uma vez que a experiência analítica não parte do, nem desagua no ocaso do sujeito. A estrutura, para Lacan, longe de ser um modelo teórico é “[...] máquina original que nela põe em cena o sujeito” (LACAN, 1961/1998, p. 655).

Por esta via, trata-se de se discernir outro estatuto de sujeito; um sujeito, certamente, não mais aderente à miragem subjetivista e, muito menos, excludente de uma estranheza que lhe é inerente: o objeto (não um objeto qualquer ou comum, todavia, particularmente, a via que leva Lacan à invenção do chamado objeto pequeno *a*): “o que se trata de precisar concerne à miragem proveniente de uma perspectiva que podemos chamar de subjetivista, uma vez que, na constituição de nossa experiência, ela deposita toda a ênfase na estrutura do sujeito” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 114).

Consideramos que temos, neste contexto, no mínimo duas circunstâncias que merecem ser sublinhadas, uma vez que ambas portam elementos preciosos para cartografarmos, mesmo que parcialmente, a subjetividade em nosso

tempo e, por conseguinte, o lugar do psicanalista (seu ato) na atualidade. Vale ressaltar que ao seguirmos essa trilha, estaremos avançando sob a orientação – provocativa, notemos – que Jacques Lacan nos propõe, ao considerar que o psicanalista, ao conduzir uma análise, deve estar em condições de localizar, em seu horizonte, a subjetividade de seu tempo (LACAN, 1953/1966; SIMÕES, 2017).

Não nos parece, de modo algum, que tenhamos aqui, por meio desta exortação, apenas um detalhe ou uma formulação acessória e contingente que poderia ser considerada ou não, ao bel-prazer do condutor da análise, sem comportar maiores riscos ou comprometimentos para a prática e o devido posicionamento da Psicanálise (posicionamento epistêmico e ético) face aos outros saberes e práticas presentes em nossa atualidade. Entendemos que a articulação tripla entre a prática analítica, o lugar do psicanalista e a contemporaneidade comporta ingredientes e nuances que, integralmente, repercutem sobre as condições e possibilidades da Psicanálise e a manutenção de seu vetor ético. Neste ponto de nossa argumentação, remetemos o leitor à reflexão que, em outra ocasião, já tivemos a oportunidade de elaborar (SIMÕES, 2017).

Em suma, não há como se operar a Psicanálise sem considerarmos os modos de amar, de sofrer, de fazer laço-social (e de resistir aos mesmos: ao amor, ao sofrimento, ao outro) que hoje as demandas do capital e as esperanças da techno-ciência nos impõem, o mais das vezes, sob uma batuta superóiga, este “imperativo íntimo” (LACAN, 1966/1998, p. 691).

Vejamos mais de perto, portanto, as duas circunstâncias acima aludidas. Em uma exposição realizada em 1966, intitulada “O lugar da Psicanálise na medicina”, Jacques Lacan propõe uma formulação norteadora que funciona tal como um axioma em todas as possíveis discussões, a partir da Psicanálise, que envolvem o sofrimento, o sintoma, o objeto e o sujeito: “a estrutura da falha que existe entre a demanda e o desejo” (LACAN, 1966/2001, p. 10):

A partir do momento em que se faz esta observação, parece que não é necessário ser psicanalista, nem mesmo médico, para saber que, no momento em que qualquer um, seja macho ou fêmea, pede-nos, demanda alguma coisa, isto não é absolutamente idêntico e mesmo por vezes é diametralmente oposto àquilo que ele deseja (LACAN, 1966/2001, p. 10).

A manutenção desta “hiância” (LACAN, 1964/1988, p. 27) é fundamental e norteadora, pois um dos aspectos marcantes do cenário contemporâneo, a nosso ver, é a tendência a um franco e irrestrito escamoteamento deste *gap*; *gap* instaurador, por sua vez, de duas ordens, dois planos topológicos bem distintos: a demanda e o desejo. Já antecipando a argumentação que iremos elaborar um pouco mais adiante, podemos dizer que a relação do sujeito com os *gadgets* – traço inegável da subjetividade de nosso tempo, a ser acolhido e não rechaçado pelo psicanalista – comportaria o anseio de uma sutura entre a demanda e o desejo. A miragem da posse do objeto ratifica este anseio. Anseio não-cumprido, certamente.

Por hora, marquemos este ponto: há uma descontinuidade, um *gap* intrínseco à subjetividade e isto é um poderoso gps para o psicanalista em nossa atualidade. Por si só, isto já nos oferece a pista de que esta subjetividade, bem diversamente da miragem subjetivista quanto à qual alertamos, comporta uma heterogeneidade algo da ordem de uma antinomia. Esta antinomia, apreendida por Lacan na descontinuidade que há entre a demanda e o desejo (fazendo com que, clinicamente, não seja nem um pouco evidente que os pacientes desejam aquilo que demandam) se recoloca quando consideramos a relação entre o sujeito e o objeto; relação esta imprescindível para demarcarmos nosso andejar com os *gadgets*, como veremos: “o sujeito está, se nos permitem dizê-lo, em uma exclusão interna a seu objeto” (LACAN, 1966/1998, p. 877).

É nesta mesma perspectiva da exclusão interna que Lacan, no seminário em que ele denuncia a miragem subjetivista, recorre à noção de uma exterioridade que antecede toda interiorização:

é indicado com precisão que o objeto deve ser situado *ausseres*, no exterior, e, por outro lado, que a satisfação da tendência só consegue realizar-se na medida em que se liga a alguma coisa que deve ser considerada no *inneres*, no interior do corpo, onde ela encontra sua *Befriedigung*, sua satisfação (LACAN, 1962-63, p. 115).

Em paralelo à conferência “O lugar da Psicanálise na medicina”, 1966, é igualmente o momento em que Lacan se prepara para o lançamento de sua coletânea de artigos intitulada “Escritos” (LACAN, 1998) e, como texto de conclusão da mesma (ou seria uma espécie de ponto culminante?), insere a formulação “A ciência e a verdade” (LACAN, 1966/1998).

Extraímos dessa argumentação, que é bastante ampla e multifacetada, apenas um único fio-condutor para o propósito que nos guia. Em “A ciência e a verdade”, Lacan argumentará que certa redução – enquanto uma operação em curso – é necessária e constitutiva da Ciência Moderna: “É preciso uma certa redução, às vezes demorada para se efetuar, mas sempre decisiva no nascimento de uma ciência; redução que constitui propriamente seu objeto” (LACAN, 1966/1998, p. 869). Tal redução, classicamente, “negligencia o sujeito” (LACAN, 1966/1998, p. 885), dando-nos condição de sustentar a tese, síncrona ao ato fundante da Ciência Moderna, de um “sujeito abolido da ciência” (LACAN, 1966/1998, p.813).

Pois bem, uma formulação desta ordem, que aponta para a abolição do sujeito a despeito da fina e perspicaz argumentação que Lacan engendra entre o ato freudiano e o “cogito cartesiano”, em muito alimenta cenários dicotômicos que tendem a apresentar a Psicanálise como uma prática eticamente valorizadora da subjetividade e, em antítese à mesma, a ciência como um empreendimento alienante e sufocante, uma vez que excluiria radicalmente (forcluiria, portanto) aquilo que ela, a Psicanálise, valoriza. Apressada e equivocadamente, abrem-se, por esse viés, discursos e mapeamentos maniqueístas que tendem, usualmente, a localizar tudo que é do âmbito da ciência e da técnica

como maquinarias meramente capturantes e promovedoras de fascínios alienantes (LIMA, 2006).

Sendo assim, para não cairmos em contraposições simplificadoras ou autoexcludentes, vale, neste ponto de nossa argumentação, retomar a trilha que Lacan nos indica quanto à relação entre sujeito e ciência: a Ciência Moderna e o sujeito surgem de modo síncrono, de tal maneira que o passo inaugural da primeira configura a inscrição do segundo, por mais paradoxal que possa, inicialmente, parecer: “Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo” (LACAN, 1966/1998, p. 873).

Em outras palavras, um não vai sem o outro, *ad initio*. Por intermédio do “cogito cartesiano”, ciência e sujeito irão se articular, tal qual as abas de uma dobradiça. A coexistência, porém, comporta internamente uma oposição recíproca: ali onde vigora o discurso da ciência (organicismo, consumo, tecnologia, substrato material do *pathos*, psicopatologia contemporânea etc.), o sujeito encontra-se enclausurado do lado de fora (RABINOVITCH, 2001).

Todavia, o sujeito se faz presente, tal qual o retorno do recalcado, nas lacunas e interstícios desse discurso. Mais do que se fazer presente, o sujeito é, precisamente, o outro da “sutura” (LACAN, 1966/1998, p. 891): ele é a divisão, a descontinuidade, o furo, o corte e a fenda que se manifestam – inevitavelmente – no discurso da ciência.

Assim, o sintagma “sujeito da ciência” (LACAN, 1966/1998, p. 808) subtende que não há sujeito antes do advento da ciência, não há sujeito fora de seus escopos e, por fim, não há um sujeito natural. Desta feita, toda ingênua oposição à ciência findaria por cerrar o galho onde diversos saberes, inclusive a Psicanálise, estão apoiados. Não detendo o raciocínio neste ponto, é imprescindível também considerar que não há sujeito na ciência. Em síntese: “há o sujeito da ciência, mas não há sujeito na ciência”. Essa é uma aporia inescapável que, tal qual um espectro, marca a problemática do sujeito na contemporaneidade.

É neste ponto que podemos localizar, com mais precisão, o “correlato antinômico” entre a ciência (e já pensemos em suas diversas parafernalias técnicas, plasmadas, especialmente, nos *gadgets*) e a Psicanálise: o sujeito desta, não poderia ser outro que não o da primeira. Porém, aquilo que nesta é patente (e subvertido), naquela é forcluído, “abolido” (LACAN, 1966/1998, p. 813). Esse correlato, vale destacar, não se deu instantaneamente: a partir da emergência do sujeito da ciência, em seu momento inaugural (localizado por Lacan no “cogito cartesiano”), este sujeito ficou à espera, em suma, *en souffrance*. Ele haverá de aguardar Sigmund Freud para ser resgatado, ou seja, trazido de volta à sua morada (o *ethos* do inconsciente).

É nesse cenário que, a nosso ver, devemos localizar algo extremamente presente em nosso tempo: encontra-se recorrentemente ao alcance de nossas mãos, quando não na ponta de nossos dedos. Está diante de nossos olhos, está em nossas bolsas, está, sobretudo, em nossos corpos, a saber, os *gadgets*. *Gadgets*: pequenos objetos, portáteis, engenhocas, atraentes, *smart*, marcados inevitavelmente pela obsolescência programada (portanto, muito bem integrados ao circuito explicitamente circular da demanda, tal qual o tonel das Danaides). *Gadget*: palavra de difícil tradução, usualmente mantida em inglês e grafada no plural (*gadgets*), dada a sua proliferação, que se coaduna muito bem com o uso linguístico que nós, brasileiros, fazemos da palavra treco (“você trouxe seus trecos?!”) e que o regionalismo mineiro autoriza sob a palavra-curinga “trem” (“onde você arrumou este trem?!”). Em suma, *gadget* é um “trem tecnológico” que faz cola: *smartphone*, relógio multifunção, aplicativo versátil, monitor cardíaco portátil, fone de ouvido, caixa acústica *wifi*, termômetro a laser, filmadora acoplada a capacete, calculadora de queima de calorias, contador de passos etc. A lista é longa, diversificada e heterogênea, a ponto do jornal britânico *Independent* ter lançado, em 2007, a notória matéria: “101 *gadgets* that changed the world”¹. Muito provavelmente, esta lista já foi vítima da obsolescência.

1 Texto disponível em: <<https://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/features/101-gadgets-that-changed-the-world-5328902.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

É neste ponto que podemos localizar, com mais precisão, o “correlato antinômico” entre a ciência (e já pensemos em suas diversas parafernaldas técnicas, plasmadas, especialmente, nos *gadgets*) e a Psicanálise: o sujeito desta, não poderia ser outro que não o da primeira. Porém, aquilo que nesta é patente (e subvertido), naquela é forcluído, “abolido” (LACAN, 1966/1998, p. 813). Esse correlato, vale destacar, não se deu instantaneamente: a partir da emergência do sujeito da ciência, em seu momento inaugural (localizado por Lacan no “cogito cartesiano”), este sujeito ficou à espera, em suma, *en souffrance*. Ele haverá de aguardar Sigmund Freud para ser resgatado, ou seja, trazido de volta à sua morada (o *ethos* do inconsciente).

É nesse cenário que, a nosso ver, devemos localizar algo extremamente presente em nosso tempo: encontra-se recorrentemente ao alcance de nossas mãos, quando não na ponta de nossos dedos. Está diante de nossos olhos, está em nossas bolsas, está, sobretudo, em nossos corpos, a saber, os *gadgets*. *Gadgets*: pequenos objetos, portáteis, engenhocas, atraentes, *smart*, marcados inevitavelmente pela obsolescência programada (portanto, muito bem integrados ao circuito explicitamente circular da demanda, tal qual o tonel das Danaídes). *Gadget*: palavra de difícil tradução, usualmente mantida em inglês e grafada no plural (*gadgets*), dada a sua proliferação, que se coaduna muito bem com o uso linguístico que nós, brasileiros, fazemos da palavra treco (“você trouxe seus trecos?!”) e que o regionalismo mineiro autoriza sob a palavra-curinga “trem” (“onde você arrumou este trem?!”). Em suma, *gadget* é um “trem tecnológico” que faz cola: *smartphone*, relógio multifunção, aplicativo versátil, monitor cardíaco portátil, fone de ouvido, caixa acústica *wifi*, termômetro a laser, filmadora acoplada a capacete, calculadora de queima de calorias, contador de passos etc. A lista é longa, diversificada e heterogênea, a ponto do jornal britânico *Independent* ter lançado, em 2007, a notória matéria: “101 *gadgets* that changed the world”². Muito provavelmente, essa lista já foi vítima da obsolescência.

² Texto disponível em: <<https://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/features/101-gadgets-that-changed-the-world-5328902.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Segundo Lacan, os *gadgets* são instrumentos que se apresentam como “elementos da existência” (LACAN, 1972-73/1985, p. 110) dos sujeitos. Quanto a esses elementos, compreendemos ser mister considerar que, atualmente, eles estão disseminadamente inseridos no campo transferencial da análise. Entre analista e analisando, lá está o *gadget*. Nos interstícios das sessões – essa importante extensão do *locus* transferencial – ei-lo de volta! Torna-se cada vez mais raro que haja um analisando que, face ao seu sintoma, junto à sua demanda e à sideração do objeto, não se apresente por meio do que se posta, do que se digita, do que se envia por meio dos *smartphones* e seus congêneres (em suas convergências com aquilo que era, outrora, somente câmera fotográfica, gravador, televisor, tocador de música, ficheiro, telefone, canastra de memórias etc.). A associação-livre está transpassada pelos *gadgets*. Face a esse cenário, recorramos à indagação que nunca deixou de visitar o analista, a cada tempo: qual a posição do psicanalista?

É comum que boa parte dos psicanalistas tende a adotar, por meio de uma enrijecida leitura do binômio “alienação-afânise” (LACAN, 1964/1988, p. 199), uma compreensão que preconiza, nestes fenômenos, nestas colas dos sujeitos a estas parafernalias digitais, o índice, tão-somente, de uma alienação (MILLER, 1994; BIALEK, 1994). Assim, a relação do sujeito com as imagens postadas, com as mensagens trocadas, com os *selfies*, com os *carfies*, com os *devices*, enfim, tudo isso que faz parte da galáxia dos *gadgets* (sob os atuais algoritmos das *hashtags* e o paradigma da nuvem) seria, entremeadado por uma leitura narcísica, alienante. Seria nada mais, nada menos do que reedições *hi-tech* de Narciso encantado com aquilo lhe é devolvido pela superfície do espelho d’água (LIMA, 2006). Sem excluir a incidência de uma lógica alienante em todas estas circunstâncias, valeria também considerar as formulações mais complexas que o objeto *a* (a partir de 1964, no “Seminário 11”) e o Imaginário do Lacan dos anos 1970 (para-além do Estádio do Espelho) ofereceriam para se localizar aqueles acontecimentos na clínica psicanalítica da contemporaneidade.

Caso estejamos atentos ao chamado de Lacan quanto à sensibilidade do psicanalista para com o contemporâneo, teremos de mitigar, certamente, os

arroubos repetitivos das leituras que recorrem somente à perspectiva narcísica para, diferentemente, darmos conta das *latusas* em nossa atualidade:

[...] quanto aos pequenos objetos a que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como *latusas* (LACAN, 1969-70/1992, p. 153).

“O importante é saber o que acontece quando a gente entra verdadeiramente em relação com a *latusa* como tal” (LACAN, 1969-70/1992, p. 154).

Em outros termos, compreendemos que esta perspectiva nos oferece uma leitura e uma orientação clínica que não esgotam, de modo algum, a complexidade e a incidência dos acontecimentos contemporâneos do sujeito com esta extensão que se impõe muito mais aos moldes de uma correlação antinômica e de uma exterioridade inerente – tal como mais acima já aludimos – do que à cabal afânise do sujeito. Do ponto de vista clínico, cabe, pois, nos indagarmos, antes de uma atitude condenatória: o que os *gadgets* fazem falar?

Os *gadgets*, desde o viés da proliferação dos objetos, enquanto *latusas*, como mais acima citamos, despertaram a atenção de Lacan. Inclusive, alguns anos após as formulações do Seminário 17 (LACAN, 1969-70/1992), ele chegou a se indagar quanto ao futuro da Psicanálise a partir da equação *gadget-sintboma*:

O futuro da psicanálise é algo que depende do que advirá desse real, ou seja, se os *gadgets*, por exemplo, ganharão verdadeiramente a dianteira, se chegaremos a ser, nós mesmos, verdadeiramente animados pelos *gadgets*. Devo dizer que isso me parece pouco provável. Não chegaremos a fazer com que o *gadget* não seja senão um *sintboma*, pois ele o é, por enquanto, muito evidentemente³ (LACAN, 1974, p. 18. Tradução nossa).

3 [...] *l'avenir de la psychanalyse est quelque chose qui dépend de ce qu'il adviendra de ce réel, à savoir si les gadgets par exemple gagneront vraiment à la masse, si nous arriverons à devenir nous-mêmes animés vraiment par les gadgets. Je dois dire,*

Pois bem, o que se anima, por meio de um *gadget*?

Sem sermos exaustivos, gostaríamos apenas de nos reportar a uma breve vinheta clínica. Trata-se de uma mulher, em torno dos seus 40 anos de idade, muito acometida pelos embaraços do amor, sobretudo com o seu valor (fálico) diante do desejo dos homens. Em meio a uma recente relação, bastante tumultuosa, repleta de rupturas e retomadas, ela se encontrava em uma espécie de martírio diário. “Que sou para ele?” “O que eu sou na vida dele?” “Até que ponto ele pensa em mim?” Eram indagações dilacerantes que constantemente compunham o repertório histérico da paciente em seu encontro faltoso com o namorado. Eram indagações angustiantes que a conduziram à análise, juntamente da preocupação que ela já estava nutrindo por conta de suas atuações em meio ao dilema amoroso: intenso uso de álcool associado à cocaína.

Em momentos de dúvidas, trazidos por aquelas indagações, ela não encontrava outra via para equacioná-las senão se drogando e buscando certa administração (sempre precária) do uso, por meio de um monitoramento cronometrado das doses de cocaína usadas por ela. Para evitar que o uso lhe corresse os afazeres e lhe mantivesse a certa distância da overdose, ela registrava quantas horas ou minutos haviam se passado desde a última carreira de cocaína e, dessa forma, se prontificava para o próximo uso. Assim, ela ia se mantendo em seu trabalho (era a responsável por uma empresa familiar), em suas ocupações diárias, buscando escamotear o que se passava diante dos olhares desconfiados de seus familiares e funcionários. Havia um risco eminentemente sério, um constante flerte com a overdose: ela realizava um uso diário da droga, que não cessava nem mesmo quando ela se deslocava da cidade em que residia e dirigia seu carro, algo em torno de 50 km, para ir a outra cidade onde se localizava o analista.

O recorte que gostaríamos de destacar, em meio a esta situação composta por vários fios e tramas, diz respeito especificamente à liga transferencial da paciente, perpassada pela constante presença de um *gadget*. Em momentos mais

je dois dire que ça me paraît peu probable, ça me paraît peu probable. Nous n'arriverons pas vraiment à faire que le gadget ne soit pas un symptôme, car il l'est pour l'instant tout à fait évidemment.

agudos das indagações sobre o seu lugar face ao desejo do Outro e o uso de álcool e droga, a paciente emitia inúmeras mensagens, por meio do *WhatsApp*, ao analista. As mensagens eram enviadas massivamente, com conteúdos que variavam do balanço que ela mesma fazia da relação com o seu atual namorado, bem como com insultos e impropérios remetidos a ela própria e ao parceiro.

Em um dado momento, a paciente utilizadora deste recurso disse ao psicanalista: “o que eu lhe envio não é para lhe incomodar, não é para você responder... eu apenas preciso de saber que você está aí, recebendo as mensagens... preciso mandá-las para alguém, do contrário, faço o pior!”.

Caso consideremos que muito de uma análise nos é apontado rigorosamente por aquilo que está na escuta que realizamos dos pacientes, percebemos, assim, a importância e o valor desse instrumento. Para além da obviedade, a paciente não estava, propriamente, remetendo mensagens para serem lidas e respondidas aos ditames de uma interlocução usual, ao estilo emissor-receptor. Notemos: o psicanalista não estava ali como um duplo imaginário da mensagem. Verificamos também que as mensagens veiculadas por meio do suporte eletrônico não estavam ali para simplesmente fazer contraposição, resistência ao trabalho analítico ou obstaculizar a via da associação-livre. Muito ao contrário, a *poiesis* analítica, tendo o psicanalista na condição de causador do discurso (e não exatamente alvo da mensagem), estava se desdobrando por meio de certa cifragem do gozo. Tratava-se de se compor o contorno do consumo (não só da substância, mas do que, na impossibilidade do amor, consome na medida em que não é consumado) que, do contrário, poderia ser inevitavelmente mortífero para a paciente. A função do psicanalista, balizada pelo “eu apenas preciso de saber que você está aí”, compunha o contraponto do excesso superóigo. Por fim, a presença deste *gadget*, nesta circunstância, foi crucial para que a análise prosseguisse.

Tal como Lacan nos instigou – “o importante é saber o que acontece quando a gente entra verdadeiramente em relação com a latusa como tal” (LACAN, 1969-70/1992, p. 154) – cabe ao psicanalista, na atualidade, conduzir a análise

junto aos trechos do sujeito. Considerar e acolher uma subjetividade para além da miragem subjetivista implica em se proporcionar que a incidência daquilo que se exclui internamente se apresente no itinerário analítico. Em suma, a análise avança na medida em que, espiralarmente, circunavega-se a exclusão interna.

Para tal, mais do que um mapeamento narcísico (rota aberta para o *locus* da alienação) ou imaginário desses acontecimentos que implicam nossos hodiernos enlances com o corpo, com as imagens e com a tecnologia caberia trazer para mais perto da clínica a lógica pulsional, portanto, a rota do circuito, do gozo não mais como fatídica afânise, mas como modo de apresentar o sujeito.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Posições I**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BIALEK, Sophie. La psychanalyse ou les *gadgets*. **La psychanalyse et les gadgets**. Bibliothèque Confluents, Volume Corbeil. ACF Île de France: Gentilly, p. 15-19, juin. 1994.

DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das ciências humanas** – tomo 1: positivismo e hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. (Org.). **Biotechnologies and the human condition**. Belo Horizonte: Editora UFMG/IEAT, 2012.

DOSSE, François. **Histoire du structuralisme; I** – le champ du signe, 1945-1966. Paris: Éditions la découverte, 1992a.

_____. **Histoire du structuralisme; II** – le chant du cygne, 1967 à nos jours. Paris: Éditions la découverte, 1992b.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERRY, Luc; RENAULT, Alain. **La pensée 68**; essai sur l'anti-humanisme contemporain. Paris: Gallimard, 1988.

HARAWAY, Donna . **A cyborgue manifesto; science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth-century**. Minnesota Press, 2016. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/undergraduate/modules/fictionnownarrativemediaandtheoryinthe21stcentury/manifestly_haraway_----_a_cyborg_manifesto_science_technology_and_socialist-feminism_in_the_....pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

INDEPENDENT. **101 gadgets that changed the world**. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/features/101-gadgets-that-changed-the-world-5328902.html>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. 1966. A ciência e a verdade. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. pp. 869-892.

_____. 1953. Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. pp. 238-324.

_____. 1961. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade” In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-691.

_____. 1966. O lugar da psicanálise na medicina. **Opção lacaniana** [on line], n. 32, p. 8-14, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

_____. 1962-63. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. 1964. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. 1969-1970. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. 1972-73. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **La troisième**. 1974. Disponível em <http://staferla.free.fr/Lacan/la_troisieme.htm>. Acesso em: 15 fev. 2019.

LIMA, Nádia Laguárdia de. O fascínio e a alienação no ciberespaço: uma perspectiva psicanalítica. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, p. 38-50, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672006000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2019.

MILLER, Judith. La résistible ascension du gadget. **La psychanalyse et les gadgets**. Bibliothèque Confluents. Volume Corbeil, ACF Île de France: Gentilly, p. 34-35, jun. 1994.

RABINOVITCH, Solal. **A foraclusão**: presos do lado de fora. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

_____. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIMÕES, Alexandre. Do horizonte ao olhar: a clínica psicanalítica e nossa época. In: FERREIRA, Rodrigo Mendes, CASTILHO, Pedro. **A psicanálise em nosso tempo**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. pp. 63-70.